



INSÍDIAS E VESTÍGIOS NO TRABALHO INVESTIGATIVO SOBRE HOMOEROTISMO E EDUCAÇÃO

Gerlândia de Castro Silva Thijm¹

Resumo

Experimentação que decorre de apontamentos de teses voltados à pesquisa sobre homoerotismo e educação. Quer saber, em movimentações discursivas de metáforas literalidades, quais passagens percorrer ao se intentar, nas veredas das teorizações *queer*, realizar práticas investigativas em educação. Requer excursões abertas de misturas de linguagem e gêneros literários em cartografias e escreteiras, escripturas e esrribiscos e defende uma poética da diferença enquanto sítio da rebeldia cujas semânticas e gramáticas podem ser fâmulas com conotações de contestação política, não porque anuncia, mas dissente, não porque investiga, mas problematiza, não porque suntuosa, mas indigesta, não porque sensata, mas simulacro.

Palavras-chave: Homoerotismo, escreteira e diferença

Por uma poética da escrita da diferença

Qualquer tentativa de abarcar um método em perspectivas pós-críticas esbarra em corredores perdidos, desacerto de método, de estimativa e de leitura. Não por arrogância, mas por incapacidade, não por autoria, mas por evitar padronizações. Tão pronto se é capaz de incorrer em deslizes e desacertos nas escolhas do caminho desativado, não homologado e desperdiçado, porque, logo se é interpelado pela estandardização e pela normatização.


Arriscar-se a uma filosofia da diferença que problematize práticas heteronormativas em universos homoeróticos em busca de métodos é lançar-se a uma turnê aberta e sem fronteira, com trilhas destruídas pelas ondas e tracejadas no calor da emoção ao intrincar “parnasianismo com surrealismo e cubismo; naturalismo com simbolismo e abjeccionismo. Deleuziando com Foucault, cartografando *inqueertude*” (SILVA, 2014).

A confusão de método é proposital, é planejada, e é uma escolha política por uma fusão de pândegas, parlendas e advinhas, é mistura de gêneros, de gênios e magos; da escrita pura com a maldita; do clássico com o rococó, do santificado com o profano.

Desse empreendimento se arriscam os que optam por um pensamento nômade em problematizar o homoerotismo na educação: deslizar nas linhas de fuga e investir em

¹ Doutora em Educação, Universidade Federal do Pará (UFPA), gerlandia@ufpa.br





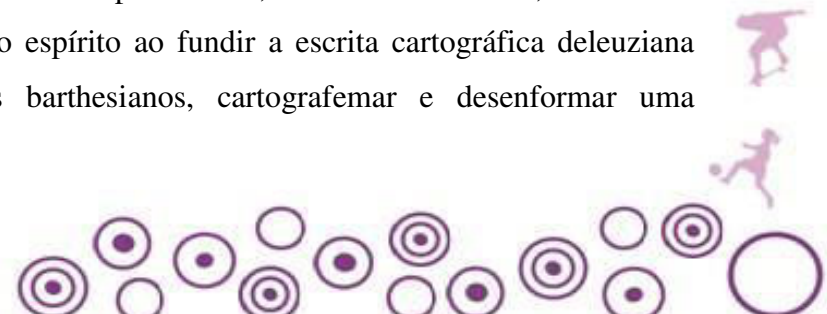
experiências de escritura cartográfica, disseminadora de eventos em jogos intensos de processualidades e experimentações para produzir uma poética da escrita com achados, narrativas, poesias, abstrações e digressões, que não se contente com a beleza, mas com a inventividade e cujos devaneios façam sentido política e esteticamente.


Experimentos em teorias

Considera-se extremamente fecunda a produção de pensamentos e modos investigativos autônomos, desacompanhados de teorias, ou com aproximações e distanciamentos delas. Porém, ao se procurar ancoragens teóricas é possível se encontrar possibilidades de experimentações e aproximações, por meio de uma poética da escrita que encontre aportes nas teorizações pós-estruturalistas, em confabulação com o pensamento *queer* para tentar redesenhar a produção discursiva tomada para contestação.

Há, portanto, que se abusar do uso de certa autonomia na escrita, pois uma vez comparada a definidos tablados procedentes de searas investigativas disciplinares, a escritura é rebelde e inconformada com imposições. Sobre este aspecto, Kristeva (1984) pondera, em *Revolution in the Poetic Language*, que a linguagem poética da diferença configura-se no oportuno lugar da insurreição cujas semânticas e gramáticas podem ser empregadas com conotações de alteração política, não porque apregoa, mas dissente, não porque pergunta, mas problematiza, não porque bela, mas confusa, não porque certa, mas simulacro (SILVA, 2014).

Um planejamento é certo, um padrão é seguido – o do dissenso. Assim, a produção é ordenada em balizas deslizantes, redemoinhos de Gogh com o “Sonho causado pelo voo de uma abelha ao redor de uma romã” de Dali, e, da “Transfiguração” de Rafael com “A Natividade Mística” de Botticelli, ou do “Manacá” de Amaral com os “Vários círculos” de Kandinsky ou, ainda, de “Titus” de Shakespeare com os afrescos de Pompéia; bem como, de Melville com Silva e de Hugo com Varela, para promover a insurreição ao extrapolar o domínio autoral de uma poética e partir para lugares intermitentes, não com translações ou outras figuras usadas a esmo, mas com translações ou outras figuras perseguindo os alicerces estéticos que “não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade” (ALÓS, 2010, p. 843). E para isso, inverte prioridades, subverte caminhos, embaralha partituras, mescla gêneros e confunde o espírito ao fundir a escritura cartográfica deleuziana com a poética *queer* e aos moldes barthesianos, cartografemar e desenformar uma *esqueertura*:



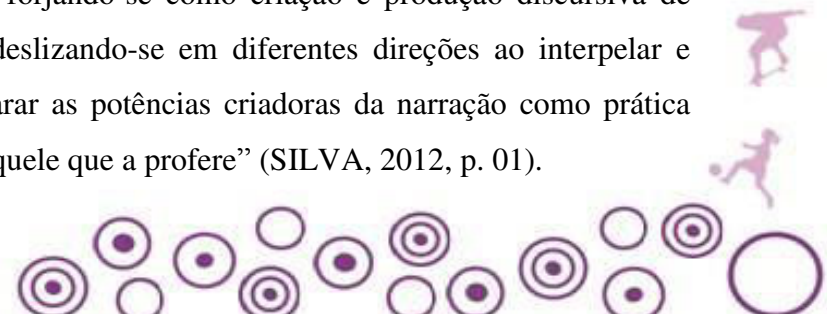



Em uma confabulação com o escopo filosófico deleuziano, pretenciosa, perniciososa e inconsequente, a escrita torna o pincel mais leve e inventivo ao movimentar um pareamento provisório em que a fabricação e o trabalho com a escritura insinuam agenciamentos em conexão e interpelamentos com outros agenciamentos. Isto provoca um enveredar por linhas descontínuas interligadas com outras linhas que não as amoedadas pela disciplinaridade investigativa.

Essa opção de abordagem impele assumir que os discursos necessitam ser atingidos como máquinas, em conexão com outras máquinas, produzindo maquinaria experimental a convidar às combinações e a perseguir multiplicidades, hibridismos e metamorfoses, em linhas de fuga, escrita dançante, traçados subversivos e *devires* outros que se conectam com minorias fugidias, pois “É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa (...). Bem diferentes são os devires contidos na escritura quando ela não se alia a palavras de ordem estabelecidas, mas traça linhas de fuga. Dir-se-ia que a escritura, por si mesma, quando ela não é oficial, encontra inevitavelmente ‘minorias’ que não escrevem, necessariamente por sua conta, sobre as quais, tampouco, se escreve, no sentido em que seriam tomadas por objeto, mas, em compensação, nas quais se é capturado, quer queira quer não, pelo fato de se escrever. Uma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar” (DELEUZE E PARNET, 1998. p. 56).

Em certos momentos, não resta alternativa a não ser rogar aos santos que a composição aconteça e que os pontos de vista obtusos não turvem demais a visão: “Oh, meu São Jorge Guerreiro, padroeiro das teses do *devenir*, me desarme das armaduras cartesianas... Deleuzes do céu (e dos infernos), por Mil Platôs, guardai-me com sua pop-filosofia e livrai-me do mau-olhado dos pontos de vista obtusos!” (EIRÓ, 2014, p. 50).

Fuga e porto, de vez em quando há que pedir socorro e às vezes esquivar-se e, ocasionalmente, cair no abandono de um referencial ao qual se procure recorrer dentro das teorias. Lançam-se lentes à produção narrada com a compreensão de conhecimento como artifícios de lutas e desejos móveis atravessados por discursos, olhares subjetividades, desubjetivações, adiamentos e *devires*, forjando-se como criação e produção discursiva de tramas rizomaticamente fazendo-se e deslizando-se em diferentes direções ao interpelar e buscar o além-agora que passe a “encarar as potências criadoras da narração como prática vacilante de linguagem que nada deve àquele que a profere” (SILVA, 2012, p. 01).





Assim, se investe e fabricam-se narrativas que possuam sentido cultural e que incluam a virtualidade da diferença forjada pela linguagem. Pretensiosamente, se quer que a resignificação da narrativa sobre a experiência homoerótica na educação possa contribuir, dentre outros aspectos, na produção, transposição e performatividades no enalço da abjeção e da diferença ao desejar uma significação da experiência compreendendo-a como uma forma de lançar-se para o além-si-mesmo de modo brusco e arriscado, já que a experiência opera como uma agência de “dessubjetivação” e neste empreendimento “arranca o sujeito de si próprio”.

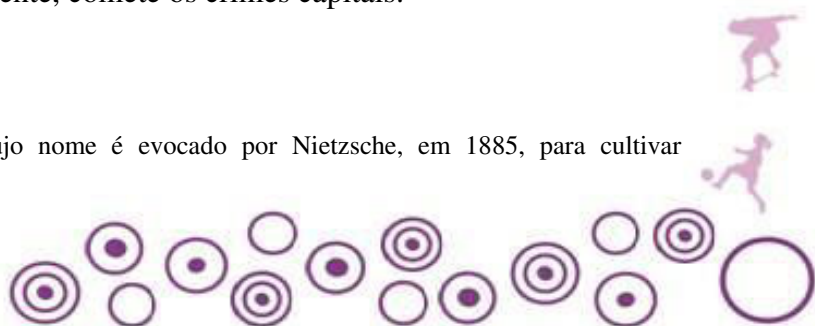
Em outras paragens


Num exercício de autoextermínio fecundo (FOUCAULT, 1984), a escritura da experiência do homoerotismo na educação provoca híbridas visões em múltiplos olhares que diversificam os sentidos, desnorream a razão. Intenta forjar, constituir e inventar acontecimentos, dessubjetivando e desautorizando. É incompreendida e incontestada, às vezes maldita, às vezes aclamada pela legitimação da irregularidade, por diversificar sensações, criando homoerografia, homoerografemas, homoerorragias. Contestada, inventiva, debochada e pervertida incorre em pecados, namora os equívocos, incorpora desacertos, para desgrenhar os arrumados, bestear com os deuses e orar com demônios.

Por isso, como um Zaratustra², quer sempre pular, saltitar, dançar, entorpecer, desfazer e refazer tudo isso, tornando a destruição criação e a criação aniquilamento, pois cultiva a beleza do *devenir*. Significa: “Cravar e arrancar - simultaneamente, os dois lados de um martelo. Certamente, esse é um movimento que requer leveza (do corpo e do espírito), assim como transmutação alegre do peso e da dor; pois não teremos conquistado o direito à criação-alegre, enquanto vivermos à sombra da atribuição de valores estabelecidos, enquanto não abdicarmos de uma ‘vontade que quer o nada’ em favor de uma vontade que quer criar. E nisso, Zaratustra é certamente leve, pois como ‘dançarino-destruidor’ ele é puro desprendimento. E ai dos fracos que porventura cruzem o seu caminho. A esses, Zaratustra não se cansa de rogar: *Que a minha jornada seja a sua ruína!*” (COSTA, 2005. p 1).

A escrita difusa atordoia os pressentimentos e, ao associar-se ao homoerótico, cria alquimia de pensamento da cabeça com os pés e dos braços com o cérebro, grafa *tatoos*, atija a fome, cobiça o outro e, antropofagicamente, comete os crimes capitais.

² Poeta e profeta persa do século VII a.c cujo nome é evocado por Nietzsche, em 1885, para cultivar ficticiamente seu pensamento.



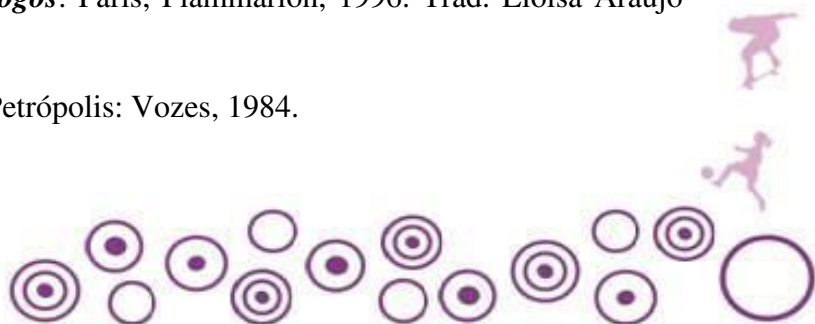


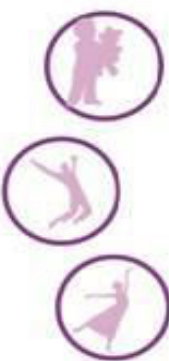
Mais desejos do que satisfação; mais desprezos do que encantamentos; mais alegrias do que sofrimento; mais inconclusões que ajustamentos; mais colagens do que ineditismos; mais vorazes do que saciados. É com estas condições, qualidades, categorias, eixos e características que a escrita se movimenta. Sem esquecer o gozo da escritura que torna vacilante o toque e o dedilhar sobre a pele, *papyrus*, que sente os dedos nas pontas das palavras à penetração mais leve e mais certa: “A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras em vez de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidencia um significado único que é “eu te desejo”, e libertá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo este roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação” (BARTHES, 1981, p. 6).

Por isso não há conformidade em apenas narrar fatos ou acontecimentos, também não se quer citar as narrativas, atribuir autoria. Há, sim, que confundir o pensamento, fabricar eventos, apropriar-se de textos literários, fictícios e desconexos e poluir a memória, para constituir “em linhas que pulsam no encontro com textos acadêmicos e com imagens e sons da literatura e do cinema” (AMORIM, 2013. p. 414), de cordéis e folhetins, de bula, canções e composições, o *devenir* homoerotismo na educação.

Referências

- ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3): 837-864, setembro-dezembro/2010.
- AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Três crianças a compor um plano para o currículo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 411-426, set./dez. 2013.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- COSTA, M. V, Sujeito, e subjetividade nas tramas da linguagem e da cultura. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000, p. 29-46.
- DELEUZE, G e PARNET, Claire: **Diálogos**. Paris, Flammarion, 1996. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.





KRISTEVA, Julia. **Revolution in the Poetic Language**. New York: Columbia University Press, 1984.

SILVA, Gerlândia de Castro, **Performatividade homoerótica em práticas discursivas docentes** / Tese Doutorado, PPGED/ICED/UFPA 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5882/6/Tese_PerformatividadeHomoeroticaPraticas.pdf.txt>. Capturado em: 20/05/2018.

SILVA, Josenilda Maués. Uma política de escrita para a investigação curricular: inflexões deleuzeanas. **In: Anais do X Colóquio sobre Questões Curriculares / VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo**. Belo Horizonte-MG, 2012.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

